



## XIV ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO CENTRO OESTE

3386 - Trabalho Completo - XIV ANPED-CO (2018)

GT 02 - História da Educação

**UM ESTUDO SOBRE AS INSTITUIÇÕES ESCOLARES INDÍGENAS DA RESERVA INDÍGENA DE  
DOURADOS/MT NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX**

Cristiane Pereira Peres - UFGD - Universidade Federal da Grande Dourados

### **RESUMO**

O objetivo deste artigo é analisar o processo de criação e consolidação das escolas indígenas instaladas na primeira metade do século XX, na Reserva Indígena de Dourados (RID), a saber, a Escola Primária General Rondon, e a Escola Francisco Ibiapina, assim como perscrutar como era o ensino nestas instituições no período. Para tanto, foi necessário recorrer a uma bibliografia ligada à educação indígena, à história da educação, à história de Mato Grosso e, mais especificamente, à história de Dourados e região. E, recorrer, também, as fontes de pesquisa, como os documentos oficiais do Posto Indígena Francisco Horta e da Missão Indígena Evangélica Caiuá. Neste estudo, foi possível constatar que as escolas indígenas investigadas estiveram ligadas a Missão Caiuá, que buscava “civilizar”, integrar e evangelizar as etnias indígenas por meio de estratégias escolares e religiosas que priorizaram um ensino que negava e desvalorizava a cultura indígena, impondo uma cultura não indígena como única e desenvolvida. No entanto, os indígenas, diante da política de “civilização”, evangelização e integração do projeto de nacionalidade dos não indígenas, souberam a seu modo étnico e cultural, negar, assimilar e/ou participar das estratégias de escolarização utilizadas.

**UM ESTUDO SOBRE AS INSTITUIÇÕES ESCOLARES INDÍGENAS DA RESERVA INDÍGENA DE  
DOURADOS/MT NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX**

### **RESUMO**

O objetivo deste artigo é analisar o processo de criação e consolidação das escolas indígenas instaladas na primeira metade do século XX, na Reserva Indígena de Dourados (RID), no Sul de Mato Grosso, a saber, a “escola da missão” (Escola Primária General Rondon), e a “escola do Posto” (Escola Francisco Ibiapina), assim como perscrutar como era o ensino nestas instituições no período. Para tanto, foi necessário recorrer a uma bibliografia ligada à educação indígena, à história da educação, à história de Mato Grosso e, mais especificamente, à história de Dourados e região. E, recorrer, também, as fontes de pesquisa, como os documentos oficiais do Posto Indígena Francisco Horta e da Missão Indígena Evangélica Caiuá. Neste estudo, foi possível constatar que as escolas indígenas investigadas estiveram ligadas a Missão Caiuá, que tinha confissão protestante e buscava “civilizar”, integrar e evangelizar as etnias indígenas por meio de estratégias escolares e religiosas que priorizaram um ensino que negava e desvalorizava a cultura indígena, impondo uma cultura não indígena como única e desenvolvida. No entanto, os indígenas, diante da política de “civilização”, evangelização e integração do projeto de nacionalidade dos não indígenas, souberam a seu modo étnico e cultural, negar, assimilar e/ou participar das estratégias de escolarização utilizadas, afirmando a sua identidade, que sofreram transformações com as relações que foram sendo estabelecidas.

**Palavras-chave:** Escolas Indígenas. Ensino. Reserva Indígena de Dourados. Missão Caiuá.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo possui o objetivo de desenvolver uma abordagem acerca da história das escolas indígenas. Para tanto, busca, inicialmente, analisar o processo de criação e consolidação da “escola da missão” (Escola Primária General Rondon), e da “escola do Posto” (Escola Francisco Ibiapina), instaladas pelos professores missionários na Reserva Indígena de Dourados, no Sul de Mato Grosso, na primeira metade do século XX. E, num segundo momento, investigar como era o ensino nestes estabelecimentos no período.

Há de se considerar aqui que, a influência da Nova História Cultural no campo de estudo da História da Educação, possibilitou que pesquisadores desta área passassem a se dedicar a outra proposta de estudo, isto é, uma proposta voltada a um pluralismo epistemológico e temático, capaz de privilegiar a investigação de objetos singulares, incluindo a história das instituições escolares, a história das disciplinas escolares, história do currículo, história da formação e da profissão docente, entre outras. No entendimento de Carvalho (2007, p. 116), “as questões lançadas pela chamada Nova História Cultural redesenharam as fronteiras e redefiniram os métodos e objetos da história da educação no Brasil”.

No que se refere a história das instituições escolares, Magalhães (1996) esclarece que foi somente nas últimas décadas que, na história da educação, a abordagem dos processos de formação e de evolução das instituições educativas constituiu um domínio do conhecimento historiográfico em renovação. De acordo com o autor, essa renovação tem operado uma profunda alteração metodológica, uma vez que essa história passou a ser “construída da(s) memória(s) para o arquivo e do arquivo para a memória, intentando uma síntese multidimensional que traduza um itinerário pedagógico, uma identidade histórica, uma realidade em evolução, um projeto pedagógico” (MAGALHÃES, 1998, p. 61).

Para a análise proposta neste texto, foi necessário recorrer a uma bibliografia ligada à educação indígena, à história da educação, à história de Mato Grosso e, mais especificamente, à história de Dourados e região, entre outras. Neste estudo, foram, também, privilegiados como fontes de pesquisa, os documentos do Posto Indígena Francisco Horta e da Missão Evangélica Caiuá (MEC). Fontes essas encontradas no Centro de Documentação Regional (CDR) da Universidade Federal da Grande Dourados, e nos arquivos do Museu do Índio do Rio de Janeiro.

O artigo aborda de início a presença indígena em Dourados. E, posterior, discute a história das escolas indígenas, instaladas na Reserva Indígena de Dourados na primeira metade do século XX.

## **A Reserva Indígena de Dourados e a Missão Caiuá**

A Reserva Indígena de Dourados (RID) foi criada no ano de 1917 pelo Decreto nº 404 de 3 de setembro, com uma área de 3.539 hectares, sendo povoada pelas etnias Guarani, Kaiowá e Terena. Nesse mesmo ano, passou a funcionar o Posto Indígena Francisco Horta, criado para atuar na Assistência, Nacionalização e Educação monitorada pelo Serviço de Proteção aos Índios (SPI) (LOURENÇO, 2007). Importante salientar, que o estado de Mato Grosso do Sul apresenta a segunda maior população indígena do Brasil, e Dourados, com um contingente populacional com mais de 200.000 habitantes, conta com uma população indígena que transcende o quantitativo de 15.000 habitantes (MIQUELETTI; LOURENÇO, 2014).

Na RID, os contatos dos missionários com as etnias supracitadas, ocorreram após 1928 com a fundação da Missão Evangélica Caiuá, mantendo contatos principalmente com os indígenas das etnias Guarani e Kaiowá. Em Dourados, os primeiros grupos de missionários chegaram em abril de 1929, constituídos por presbiterianos e metodistas (GONÇALVES, 2015). Nessa localidade, pode-se dizer que os indígenas foram o principal motivador, ou melhor, “atrativo” para o estabelecimento desses missionários nessa região.

Mesmo que o interesse inicial dos missionários fosse unicamente a catequese indígena, não deixaram de manter contato com a população não indígena local. Desse modo, a atuação protestante em Dourados pode ser estudada sob duas perspectivas, uma vez que a ação missionária entre a população dita urbana deu-se de maneira diferente da exercida entre os indígenas.

No caso dos contatos estabelecidos entre os missionários e os indígenas da RID, em abril de 1929, pode-se dizer que uma equipe missionária estabeleceu-se e pôs em andamento um conjunto de ações referentes à instalação e organização da Missão Caiuá, estabelecendo “os primeiros contatos com as comunidades indígenas e a população não-índia do lugar” (GONÇALVES, 2009, p. 151). Entretanto, Gonçalves (2009, p. 150) assinala que “a instalação da Missão entre os índios Caiuá de Dourados foi precedida de viagens exploratórias ao Sul de Mato Grosso pelos missionários Maxwell e Néelson de Araújo”, em maio de 1928. De acordo com Gonçalves e Possadagua (2012, p. 49-50):

A instalação definitiva da Missão Caiuá, contígua geográfica e ideologicamente à Reserva Indígena de Dourados (criada em 1915), ocorreu nos meses de abril e maio de 1929, com a chegada da primeira equipe de missionários, composta de cinco adultos e uma criança, ao então Sul de Mato Grosso.

Contudo, pode-se dizer que, nas origens da Missão Caiuá houve a participação de diferentes ramos do protestantismo histórico. Essa Missão foi um dos projetos protestantes mais importantes do sul do estado e foi originário da “Associação Evangélica de Catequese aos Índios do Brasil, fundada em São Paulo em agosto de 1928”, uma iniciativa nacional considerada “a primeira empresa missionária criada e conduzida por igrejas protestantes brasileiras com o fim de cristianizar povos indígenas, especialmente, os Guarani” (GONÇALVES; POSSADAGUA, 2012, p. 49).

## **As Escolas Indígenas da Reserva de Dourados e o Trabalho Educacional da Missão Caiuá**

A Missão Evangélica Caiuá em trabalho com o Serviço de Proteção aos Índios (SPI), buscou por meio do ensino repassado na “escola da missão” e na “escola do posto”, “integrar”, “civilizar” e tornar cristãos os indígenas. O processo de escolarização teve início entre os anos 1929 e 1930 por meio da

alfabetização de adultos via a cristianização, através de cultos e aulas dominicais. Os missionários buscaram então via estratégias escolares evangelizar e “civilizar” os Guarani, Kaiowá e também os Terena (LOURENÇO, 2007).

As estratégias de escolarização iniciadas nas escolas indígenas no final da década de 1920 foram repassadas com valores das camadas dominantes que por interesses particulares organizaram uma forma de ensino fragmentada e totalitária, que continuava a excluir os sujeitos que não pertenciam às elites dominantes por meio de um ensino que tinha em suas práticas o monopólio cultural (ROMANELLI, 2014).

Nesse sentido, após 1930, o ensino cristão pode ser verificado nas atividades escolares que eram trabalhadas com as crianças indígenas. Como a avaliação realizada na Escola Francisco Ibiapina com os alunos do 1º ano B. Em que foi trabalhado por meio da caligrafia a seguinte frase: “Deus me guia a felicidade”<sup>[1]</sup>. Essa frase evidencia que o ensino nessa escola tinha como objetivo converter os indígenas ao cristianismo, refutando a religiosidade dos alunos indígenas.

Para os missionários, a presença da Missão Caiuá na Reserva, tiraria os indígenas da selvageria e os tornariam sujeitos civilizados, e com aptidões para o trabalho. Para isso, seria então necessário que eles aderissem aos novos costumes e passassem a praticar novos hábitos quanto ao trabalho, saúde e religiosidade (CARVALHO, 2004).

Essa imagem errônea, equivocada e estereotipada das etnias era sustentada nos conteúdos ministrados aos próprios indígenas. Entre os conteúdos de História do Brasil ministrados no 2º ano do ensino primário, estavam: “o descobrimento do Brasil; *os selvagens*; as principais datas do Brasil; a escravidão; independência do Brasil; proclamação da república”<sup>[2]</sup>.

Por meio dos conteúdos que eram trabalhados é possível perceber que a negação étnica e cultural fazia parte do currículo e das estratégias de escolarização dessas escolas, pois, os conteúdos deixam evidente, que essas instituições buscavam inserir os indígenas nas práticas sociais, culturais e de trabalho dos não indígenas. Como se pode observar, o único conteúdo que estava ligado aos indígenas, ao que parece, era o segundo, relacionado aos selvagens. Isso acabava por afirmar no ensino repassado nas escolas indígenas a “incivilidade” entre os mesmos, e a necessidade de os tornarem sujeitos “civilizados”. Ao que tudo indica, dessa forma, foram sendo construídas representações sobre os povos indígenas que não os representavam, de fato, portanto, os estudos precisam acerca da história dessas escolas, problematizar as estratégias de escolarização utilizadas pelos missionários, permitindo reflexões que trabalhe o “discurso histórico como uma representação e uma explicação adequada da realidade que aconteceu” (CHARTIER, 2011, p. 25).

Entre os conteúdos ministrados sobre a História do Brasil, o ensino sobre *os selvagens*, corrobora com a política missionária de “civilizar”, evangelizar e integrar os indígenas a sociedade não indígena. Logo, a nomenclatura é pensada e articulada a negar a identidade étnica e cultural das etnias da Reserva.

Outras representações que foram construídas sobre as etnias indígenas podem ser analisadas também, com base em uma aula ministrada na Escola Dominical na MEC. A professora Loide, nessa escola, em um dos encontros ensinou sobre o sol, e “contou que fora Deus quem o fizera. Que além de o sol iluminar a terra, dá saúde as pessoas, aos animais e as plantas” (VIANA, 1976, p. 121). Entretanto, no local, havia uma indígena Kaiowá que se manifestou dizendo:

- Tudo que ela fala é mentira! Isso é estória de branco! O sol é nosso Deus, foi ele quem fez tudo. Ninguém fez o sol, ninguém pode! Venham, dancem comigo e vocês vão vencer esta mulher branca com o espírito! Eu tenho o espírito! Escutem a minha voz, sou eu que falo a verdade! (VIANA, 1976, p. 121).

Conforme a autora, a indígena Kaiowá estava com tanta fúria que parecia estar endemoninhada (VIANA, 1976). Tal relato permite compreender que até mesmo a leitura realizada nessas escolas, como uma prática educativa, acabou fazendo uso de violência cultural, muitas vezes, ignorando todas

as crenças, costumes e tradições culturais dos indígenas Guarani, Kaiowá e Terena, impondo o cristianismo, associando às crenças indígenas a atos demoníacos. Isso acaba por evidenciar, conforme Vidal (2005, p. 13), que “como práticas culturais, as representações sociais são sempre históricas e constantemente objeto de disputas entre os diferentes grupos da sociedade”.

É notório que por meio da educação escolar, tanto o SPI, quanto a MEC, desenvolveram um trabalho de assimilação e integração dos indígenas ao ideal de nacionalidade defendido pelos missionários, e que atendia as necessidades sociais e econômicas dos não indígenas. Esse trabalho desenvolvido nas escolas indígenas da RID permite reafirmar os dizeres de Magalhães (2004, p. 15), de que,

a educação/instituição traduz toda a panóplia de meios, estruturas, agentes, recursos, mas também as marcas socioculturais e civilizacionais que os estados e outras organizações mantêm em funcionamento para fins de permanência e mudança social.

Assim, é necessário compreender que as relações que foram estabelecidas nesse período, nessas escolas entre indígenas e missionários, ocorreram ante as ações de apropriações e desapropriações dos indígenas das condições que estavam sendo impostas pelos membros da Igreja Presbiteriana. Afinal, como apontam Miqueletti e Lourenço (2014, p. 167), “a escola indígena é o resultado de enfrentamentos, entre os indígenas e os não indígenas, [...] em busca do respeito à interculturalidade, ao multiculturalismo e à etnicidade”.

A educação escolar desenvolvida pelo SPI e pela Missão Caiuá, realizou um trabalho de assimilação e integração dos indígenas ao ideal de nacionalidade defendido pelos missionários, consequência de todo um processo aristocrático pelo qual passou a educação, pois as práticas educativas estavam imbricadas a um lugar, a culturas diversas, a políticas sociais e econômicas, a práticas religiosas, a línguas diferentes, que convergem em ensinamentos que são aceitos, negados, e/ou assimilados por aqueles que recebem.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com o estudo realizado foi possível verificar que o processo de criação e consolidação das escolas indígenas da Reserva Indígena de Dourados, a saber, a “escola da missão” (Escola Primária General Rondon), e a “escola do Posto” (Escola Francisco Ibiapina), instaladas por professores missionários estiveram relacionadas à Missão Caiuá. Missão essa de origem protestante que buscava nessas escolas “civilizar”, integrar e evangelizar as etnias indígenas por meio de estratégias escolares e religiosas que priorizaram um ensino que negava e desvalorizava a cultura indígena, impondo uma cultura não indígena como única e desenvolvida.

Foi ainda possível observar que, o trabalho escolar desenvolvido nas escolas indígenas da Reserva de Dourados foram mediatizados por uma política colonialista em tornar os indígenas “civilizados” e cívicos, aptos a conviverem com a sociedade nacional e contribuírem com o trabalho agrícola.

Contudo, os indígenas a seu modo, resistiram a essa violência cultural, fosse recusando a política da Missão, ou levando seus filhos à escola, pois, as relações de proximidade com os não indígenas também devem ser analisadas como formas de resistência física e cultural. Pelas quais transformaram e ainda transformam, o que é imposto pelos não indígenas.

Deste modo, os contatos mantidos entre os indígenas e os missionários, provocaram mudanças culturais no modo de viver das etnias da Reserva. No entanto, negando, assimilando e/ou participando das práticas de ensino e de trabalho impostas pela Missão Caiuá, os indígenas foram afirmando sua identidade étnica e cultural. Essa afirmação ocorreu com as transformações culturais vivenciadas pelos

índigenas, por intermédio das relações mantidas com os não indígenas, e as etnias diversas.

## REFERÊNCIAS

CARVALHO, Raquel Alves de. *A missão evangélica Caiuá: instalação e organização*. Revista de Educação do Cogeime. Ano 13 – nº 25, dezembro de 2004.

\_\_\_\_\_. *Os Missionários Metodistas na Região de Dourados e a Educação Indígena na Missão Evangélica Caiuá (1928-1944)*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP, São Paulo, 2004.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Manuais de pedagogia, materialidade do impresso e circulação de modelos pedagógicos no Brasil. *Revista Colombiana de Educación*, nº 52, enero-junio, 2007, p.114-135, Bogotá/Colombia.

CHARTIER, Roger. *Defesa e Ilustração da Noção de Representação* Fronteiras: Revista de História/Universidade federal da Grande Dourados. Dourados, v.13, n 24, p. 15-29, jul./dez. 2011.

GONÇALVES, Carlos Barros. *O Movimento ecumênico Protestante no Brasil e a Implantação da Missão Caiuá em Dourados*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, 2009.

GONÇALVES, Carlos Barros; POSSADAGUA, Leandro. *Missão Evangélica Caiuá: 82 anos de uma história entre os Guarani*. Revista Índio, ano 2, nº 2, 2012.

\_\_\_\_\_; LOURENÇO, Renata. *Missão Evangélica Caiuá: Um Ideário de Fé e “Civilização” nos Confins de Mato Grosso (1929-1970)*. In: CHAMORRO, Graciela; COMBÉS, Isabelle (orgs.). *Povos Indígenas em Mato Grosso do Sul: História, cultura e transformações sociais*. Dourados: UFGD, 2015.

LOURENÇO, Renata. *O Serviço de Proteção aos Índios e o Estabelecimento de uma Política Indigenista Republicana Junto aos Índios da Reserva de Dourados e Panambizinho na Área da Educação Escolar (1929 a 1968)*. 2007. Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis, São Paulo, 2007.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. *Contributo para a história das instituições educativas— entre a memória e o arquivo*. Braga (Portugal): Universidade do Minho, 1996.

\_\_\_\_\_. Um apontamento metodológico sobre a história das instituições educativas. In: SOUSA, Cunthia Pereira de; CATANI, Denice Bárbara (org.). *Práticas educativas, culturas escolares, profissão*

docente. São Paulo: Escrituras Editora, 1998.

\_\_\_\_\_. *Tecendo Nexos: História das instituições Educativas*. Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2004.

MIQUELETTI, Eliane Aparecida; LOURENÇO, Renata. A criação de uma escola indígena: relações interculturais e identitárias. *Revista Unesp de São Paulo*, v. 10, n. 2, p. 165-191, julho-dezembro, 2014.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da Educação no Brasil (1930-1973)*. 40. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

VIANA, Juracy Fialho. *Por Trás da Cortina Verde*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1976.

VIDAL, Diana Gonçalves. Cultura e Prática Escolares: uma reflexão sobre documentos e arquivos escolares. In: SOUZA, Rosa Fátima de; VALDEMARIN, Vera Teresa (orgs.). *A Cultura Escolar em Debate: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

## DOCUMENTOS

Relatório Educacional do Posto Indígena Francisco Horta do 2º Semestre de 1960/Escola Indígena Francisco Horta. Filme 6 – planilhas 82 a 90. Museu do Índio.

Escola Francisco Ibiapina. Provas Parciais de Português do 2º Semestre do ano de 1966. Filme 6 – planilhas 82 a 90. Museu do Índio.

Relatório do Posto Indígena Francisco Horta, 25 de agosto de 1965. Filme 7. Museu do Índio.

[1] Escola Francisco Ibiapina. Provas Parciais de Português do 2º Semestre do ano de 1966. Filme 6 – planilhas 82 a 90. Museu do Índio.

[2] Relatório Educacional do Posto Indígena Francisco Horta do 2º Semestre de 1960/Escola Indígena Francisco Horta. Filme 6 – planilhas 82 a 90. Museu do Índio.